

UM ESTUDO DE *QUOD NIHIL SCITUR*, DE FRANCISCO SANCHES (1550-1622)

André do Nascimento Corrêa

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Email: andredonascimento.asriel@gmail.com

Rodrigo Pinto de Brito

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Email: www.rodrigobrito@gmail.com

Resumo: O presente trabalho é um estudo que abrange a obra “Que Nada se Sabe” do autor Francisco Sanches, evitando possíveis erros de interpretação causados por escolhas feitas nas traduções do texto. No decorrer do artigo, são estudados os problemas de linguagem acerca da possibilidade de haver uma relação entre nome e essência; os fatores que descredibilizam o sistema escolástico e aristotélico; a discussão acerca da finalidade das categorias como ferramenta para compreender a essência dos objetos; uma conscientização sobre a falácia da autoridade e como ela é prejudicial para o desenvolvimento científico; a crítica à querela dos universais e à teoria da reminiscência; uma profunda análise sobre a definição de ciência e porque ela não se enquadra como uma mera forma de registro de acumulado de informações, memória ou hábito; análise de fatores biológicos que impedem o alcance daquilo que acreditamos ser a verdade; e uma análise da concepção de “ciência” e “verdade” como conceitos muito impalpáveis criados para serem inalcançáveis, atrasando o avanço científico.

Palavras-chave: Ceticismo; Francisco Sanches; *Que nada se sabe*; Reforma intelectual; Ciência; Aristóteles; Escolástica.

Abstract: This paper is a step-by-step study embracing Francisco Sanches’ *That Nothing is Known*, avoiding possible interpretative mistakes due to translation choices. So, the paper deals with the themes which occur in Sanches’ work, such as: language problems on the possibility of a relation between names and essences; the ways and reasons why the Scholastic and Aristotelian system started losing credibility; the discussion on the use of categories for comprehending the essence of objects; an awareness on the authority fallacy and the reasons why it is dangerous for scientific development; the criticisms against the quarrels about the Universal and against the theory of reminiscence; a deep analysis on the definition of science and why it should not be framed as a simple way of registering info, memories or habits; an analysis on the biological factors which makes harder for us humans to find the truth; and, finally, an analysis on the ideas of “science” and “truth” as quite unreachable, making even slower the scientific advance.

Keywords: Skepticism; Francisco Sanches; *That nothing is known*; Intellectual reformation; Science; Aristotle; Scholasticism.

1 O autor¹

Francisco Sanches nasceu em 1551 ou 1552 em Tui ou Braga, sendo filho de cristãos convertidos. Estudou no Colégio de Guyenne na cidade de Bordéus. Montaigne, seu primo distante, também passou por essa escola. Depois disso estudou em Roma por dois anos, onde conheceu algumas pessoas que estavam produzindo novas teorias médicas, finalmente acabou ingressando na Universidade de Montpeellier, formando-se em medicina em 1574. Em 1576, Sanches começa a redigir sua obra *Quod Nihil Scitur*, mas ele quis tanto alcançar a excelência explicativa desse tratado que passou anos o lapidando, sendo publicado apenas em 1581. Nesse meio tempo, em 1578, publicou *Carmen de Cometa*, no qual é feito um exame crítico das interpretações astrológicas do cometa de 1577. Em 1585 tornou-se professor de medicina e depois professor de filosofia em 1612, ambos na Universidade de Toulouse. Vale dizer que uma boa parte das refutações de Sanches é contra os Aristotélicos e seus Silogismos, presentes principalmente em *Primeiros* e *Segundos Analíticos*.

2 Cartas

No prefácio de *Quod Nihil Scitur*, Sanches dedica duas cartas: uma a seu amigo Jacó de Castro e outra ao leitor. Na primeira, o autor usa a linguagem de modo muito engenhoso, formando trocadilhos, sempre correlacionando o tema filosófico com termos médicos. Já na carta ao leitor, Rocha aponta uma escolha na tradução do termo “*Scientiam*” (*scio / scientia*): muitos optam por traduzir esse termo para “ciência”²; porém, tal tradução induz a interpretações que destoam do que Sanches realmente está propondo. “Ciência” transmite a ideia de um saber mais aprofundado, um saber metódico ou um saber específico. Contudo, parece-nos que Sanches, ao usar o “*Scio*” nas primeiras páginas da obra (principalmente quando trata da linguagem), refere-se a um saber geral e, no decorrer do livro, ele aponta como desconhecemos saberes específicos pois, ignorando as partes, ignoramos o todo³, logo nada se sabe. Talvez seja um tanto quanto simples apontar a ignorância em um saber específico, mas Sanches é ainda mais ousado e almeja mostrar que somos ignorantes em relação ao saber geral e, por conta disso, consideraremos “*Scio*” como “saber” e, mais pra frente, veremos em quais momentos “ciência” se enquadra melhor na tradução.

Sanches diz que, quando jovem, investigava a natureza arduamente, contentando-se com qualquer saber, independente da veracidade. Até que, em certo momento, regurgitou tudo aquilo que era inútil, mantendo apenas o que poderia levar para a fase adulta.⁴ Pode-se dizer que esse movimento de revisão dos saberes é um dos fatores que diferenciam o ceticismo moderno do ceticismo antigo. Parece

1 Popkin (2003), p. 38-9.

2 “*Scientiam*: o vocábulo aqui certamente remete a um modo de construção do conhecimento e não à ciência, enquanto uma disciplina. Embora a maioria dos tradutores adotem solução semelhante – *ciencia* em Menéndez e Pelayo (1944, p. 42); ‘ciência’ em Vasconcelos (1991, p. 87) e *scienza* em Lojaco (2011, p. 8) – Thompson (1988, p. 168) prefere *scheme of knowledge*.” (Rocha, 2020, p. 102)

3 “Dado que, em todos os estudos nos quais há princípios (...), sabemos (...) quando reconhecemos estes últimos (pois julgamos compreender cada coisa quando reconhecemos suas causas primeiras e seus primeiros princípios, bem como seus elementos), evidentemente devemos, de início, tentar delimitar também o que concerne aos princípios da ciência da natureza.” (Aristóteles, *Pb.* 184a10) A ideia de termos que estudar as causas para compreender o objeto analisado será usada frequentemente no decorrer do texto.

4 “E, embora no início a mente ávida por saber ficasse satisfeita com qualquer alimento oferecido, depois de pouco tempo, entretanto, tomada pela indigestão, começou a vomitar tudo.” (Sanches, 2020, p. 101)

que o cético moderno, ao apresentar a dúvida como modo de saber⁵, dispõe-se a revisar tudo que foi produzido na Antiguidade e na Idade Média, vomitando o que é inútil e mantendo apenas o que poderá carregar para o futuro, diferente dos Céticos Antigos que possuíam outras abordagens, não dubitativas, e visavam a imperturbabilidade. Então, para o cético moderno, mesmo as noções usualmente tidas por mais óbvias, como os números, deveriam ser revisadas. Por fim, assim como fica explícito na carta a Jacó de Castro, Sanches deixa claro, na carta ao leitor, que não difere a filosofia da medicina, e nós, enquanto leitores, não podemos nos esquecer desse detalhe, visto que muitos de seus argumentos parecem ser voltados pensando na vida prática de um médico.⁶

3 A linguagem não transmite a essência (passos 1-10; 36-38)

Nos primeiros dois passos da obra, o autor usa novos termos que constantemente são traduzidos de forma confusa: “*intelligo*” e “*cognosco*”. Sanches usa “*intelligo*” no sentido de “entender” como “não entendi” ou “você não entende” e apesar disso o termo é traduzido como “saber”, “conhecer”, “ciência” ou “compreensão”. Apesar da similaridade, traduzir “*intelligo*” como “compreensão” não é tão bom, pois o autor já usa o termo “*comprehensionem*” para tal. “*Scio*”, “*intelligo*” e “*cognosco*” costumam ser tratados como o mesmo termo pelos tradutores, visto que traduzem os três ora com o mesmo significado, ora com um diferente. Aqui, trataremos “*cognosco*” como “conhecimento”, “algo como o qual sou familiarizado”⁷, diferente do saber geral (*Scio*).

4 Existe definição essencial?

Tendo isso em mente, seguimos com o primeiro problema analisado por Sanches: A definição nominal (*definitio nominis*) e essencial (*definitio rei*). Segundo os escolásticos, as definições nominais são dadas após analisarmos a essência do objeto⁸. Contudo, se isso fosse verdade, implicaria que conhecemos a essência de tudo que possui nome e que esse nome diz respeito a essa essência. Porém, isso é bastante fantasioso, visto que há nomes que nada dizem com respeito à essência (como veremos quando Sanches der o exemplo da pedra) e teríamos que considerar que, ao desconhecer um objeto, estudamo-lo a fundo até descobrirmos sua essência e dar-lhe um nome. Isso é falso.

5 O que as categorias definem?

Sanches, antes de apontar as fragilidades das teorias aristotélicas, apresenta as categorias em três espécies: as que abrangem a tudo (Ente); as que dizem respeito a

5 “*Sciendi modus*: concordando com Lojacono (2011, p. 629, n. 14), que adota ‘modo’ (2011, p. 8) ao verter *modus*, preferimos manter uma tradução mais literal do termo, diferentemente de Thompson (1988, p. 167) que emprega *method*. Os demais tradutores consultados parecem ir no mesmo sentido. Vasconcelos (1991, p. 57) adota ‘meio’ e Menéndez e Pelayo (1944, p. 42) ‘*manera*’.” (Rocha, 2020, p. 102)

6 “(...) de fato, busco o caminho até a arte médica, da qual sou mestre e a qual pertencem todos os princípios da contemplação filosófica.” – (Sanches, 2020, p. 107)

7 Vale dizer também que, mais pra frente, Sanches usará o termo “*nosco*” que possui muitas semelhanças com “*cognosco*”, no sentido de ser um saber que exige uma melhor familiaridade.

8 Termo muito usado no decorrer do texto. *Res* (plural: *rei*) é um objeto que é observado através dos sentidos, sendo um fato. Posso negar, por exemplo, que exista livros, mas não posso negar que estou vendo um livro quando estou. Pode significar “coisa” e será usado por nós frequentemente como “objeto analisado”

muitas coisas (animal); as que dizem respeito a uma única coisa (Sócrates). Logo, quando falamos sobre Sócrates, estamos falando sobre um indivíduo, mas esse indivíduo é humano e, sendo humano, ele é um animal racional mortal, que abrange outros humanos que abrangem outros indivíduos; sendo um animal racional mortal, ele é um da categoria Ente que, portanto, abrange a tudo. Assim funcionam as categorias. Contudo, essas categorias nada dizem a respeito de Sócrates. Afinal, ao perguntar qual é a essência de Sócrates, diremos que é ser humano. Logo, para entender Sócrates, é preciso, antes, saber a essência de “humano”. Para tal, é preciso saber a essência de “animal”, “racional” e “mortal”. O que era um termo, tornou-se quatro, e a lista continua aumentando até que se chega ao Ente, que é indiscutivelmente incompreensível. Os escolásticos, então, na tentativa de revelar a essência por trás do nome, apenas apresentam uma lista extensa de outros nomes sem nunca alcançar a essência.⁹

6 Argumento da autoridade

O escolástico então recorrerá à autoridade: Aristóteles. E para mostrar que também sabe usar as armas do adversário, Sanches recorrerá a Cícero. Enquanto Aristóteles fazia uma análise mais taxonômica em questões de linguagem, Cícero fazia uma análise de pendor mais retórico, tendo inclusive criado palavras novas na língua latina para suprir a falta de alguns termos gregos. Então, mesmo que Aristóteles seja uma autoridade filosófica, não deve ser usado para tudo, pois há pensadores que melhor se enquadram em certas questões. Aristóteles não possui autoridade para combater Cícero, mas outros pensadores talvez possuam. E há muito desacordo entre os pensadores que se dedicam à língua latina e à grega. Há desacordo até mesmo entre os escolásticos mais lógicos e os mais dialéticos. Qual é, então, o critério para definir quem possui a verdadeira visão acerca da linguagem? Não há critério, não é possível dogmatizar para um lado. Para resolver esse problema, o médico age tal como Pirro¹⁰, ou seja, recorrendo a um parâmetro comunal. Contudo, não há certeza nem estabilidade na linguagem popular. Assim, como resolver a instabilidade? Pesquisar qual era o significado de cada palavra para a primeira pessoa que a empregou? Um esforço inútil e fantasioso.

7 A essência está nas línguas eruditas?

E se a essência está presente no nome atribuído por um idioma em específico? Mais ainda: e se apenas a língua grega for capaz de denotar a essência de tudo? Poderíamos dizer que, por conta do grandioso avanço cultural e literário que ocorreu na Grécia antiga, muitos termos foram criados para contextos específicos que são intraduzíveis. Logo, a língua grega, nesse quesito, seria mais completa por possuir termos que nenhum outro idioma poderia expressar. Contudo, esse argumento é totalmente inválido, pois, como mencionamos anteriormente, o próprio Cícero chegou a criar termos novos em latim e constantemente estamos inventando novas expressões para suprir uma necessidade interpretativa em nossos

⁹ Consultando cétricos anteriores a Sanches, percebemos que o saber dos escolásticos poderia estar mais bem organizado se seguissem alguns dos Tropos de Enesidemo acerca de como não raciocinar as causas, como: - Recorrer a uma causa que não é evidente e que não é atestada (ente) por outra coisa que se possa considerar evidente (humano); - Acontecendo as coisas conforme uma ordem regular (Sócrates é humano), invocar causas que não dão conta dessa ordem (Sócrates é um ente); - Para explicar coisas duvidosas (o que é um humano?), servir-se de causas igualmente duvidosas (humano é um animal mortal racional).

¹⁰ “Sua conclusão será que é preciso viver como todo mundo, já que a ciência não é boa para nada e sequer existe.” (Brochard, 2009, p. 35)

idiomas. Portanto, o argumento de que só há uma língua que possui termos intraduzíveis é inválida, pois cada idioma em si já é intraduzível, sendo possível apenas fazer interpretações e adaptações para outras línguas. Diversas linguagens usam diversas palavras com sons variados para se referir ao mesmo objeto e essas palavras não possuem necessariamente a mesma etimologia. Se a linguagem demonstrasse a essência de algo, disso resultaria que pelo menos a maioria dos idiomas estaria errada. E ainda mais: não há critérios para definir qual desses idiomas é o mais correto, então é uma perda de tempo procurar a essência de algo nas palavras. Um exemplo dado por Sanches é “pedra”, que em latim é *lapis*, que viria de *laedit pedem* (ferir os pés). Todavia, a essência da pedra é ferir os pés? Se não, estamos de acordo que o latim não é a suposta língua ideal; se sim, devemos analisar a etimologia: o que significa *pedem*? Ela condiz com sua essência? E *Laedit* também? Faz-se uma regressão ao infinito no estudo etimológico de cada palavra. Pois, como já vimos diversas vezes, esse método só nos apresenta uma variedade de nomes e mais nomes, sem nunca chegar à essência do objeto analisado.

E se formos buscar auxílio na Bíblia? Bom, é dito¹¹ que todas as coisas foram criadas por Deus, e depois Adão, o primeiro dos humanos, deu nome a cada uma dessas criações. Logo, se acreditamos que os nomes dizem respeito à essência das coisas, e, caso sejamos fideístas como Sanches e aceitemos o idioma de Adão como sendo aquele de quem dá o nome de acordo com a essência, isso seria algo bastante conveniente, tanto que Sanches não nega essa possibilidade.¹² Entretanto, o idioma de Adão foi perdido pra sempre, visto que, após os eventos da torre de Babel¹³, os humanos passaram a se desentender, cada um falando em uma linguagem diferente; e mesmo que o idioma de Adão tenha se preservado nesse evento, não há critério de verdade para estabelecer qual linguagem atual é a verdadeira herdeira do idioma de Adão. Mesmo que encontrássemos essa herdeira, milênios de costumes já teriam destruído a essência das palavras, visto que estamos sempre criando novos termos e deixando antigos de lado. Logo, ao afirmar isso, estamos decretando não só a nossa própria ignorância, como também a impossibilidade de conhecer a essência de algo pela linguagem. Não há uma relação íntima entre as palavras e objetos. Da mesma forma que onomatopeias nos mostram apenas a semelhança dos sons, a linguagem formal nos mostra apenas a verbalização do pensamento acerca da percepção de um objeto. Não somos capazes de transmitir nossos pensamentos de forma fidedigna na linguagem, e mesmo se conseguíssemos, estaríamos transmitindo percepções acerca de um objeto e não sobre a essência dos objetos.¹⁴

8 Ciência é reminiscência? (passos 11-19)

A partir daqui, Sanches começa a buscar a definição de “ciência” e, para tal, ele usa o termo “*scientia*”. O problema é que ele também usa esse termo para se referir a um “saber geral” como vimos nas cartas. Por conta disso foi necessário estudar os outros termos que ele usou até então no texto, para que possamos entender o que é

11 *Gênesis*, Capítulo 2, Versículos 19 e 20

12 “If you were to say that the first language to be laid down was that of Adam, of course this is true, for he was capable of it inasmuch as he knew the nature of things - the author of the Pentateuch bears witness to this; and in that case it were much to be desired that Adam had committed to writing either his own philosophy or a version, in his own language, of the philosophy we have.” (Sanches, 1988, p. 219)

13 *Gênesis*, Capítulo 11

14 Quando vemos um objeto (*res*), por exemplo, não estamos captando-o em si, mas sim a percepção dele. Afinal, uma pessoa pode ver o objeto de um jeito e outra pode ver o mesmo objeto de outro jeito e não há critério para definir qual das duas está vendo o objeto verdadeiramente, mas é factual que cada uma dessas pessoas vê algo.

saber, ciência, conhecimento, compreensão, reconhecimento e entendimento, não confundindo a tradução. *Scientia* pode sim ser traduzido tanto por “saber” quanto para “ciência”, mas a forma que isso será feito impactará diretamente na interpretação.

9 A ciência está presente nas demonstrações?

E se considerarmos então que a ciência está presente nas demonstrações? Bom, as demonstrações nada mais são do que fantasias. Mas não nos enganemos, Sanches não está dogmatizando ao dizer isso, mas está apresentando as próprias ideias de Aristóteles que, em momento nenhum, de acordo com Sanches, prova a eficácia ou existência material da demonstração. Ao demonstrar algo, Aristóteles usaria uma linguagem fictícia: “A e B, então C”; “P1 implica P2” por exemplo.¹⁵ Caso ele tentasse fazer silogismos acerca de objetos existentes, estaria claro a incoerência de seu pensamento. Mesmo assim, dois milênios após isso, os Escolásticos seguiram fazendo silogismos. A demonstração não gera saber. Não se aprende, por exemplo, a executar uma operação médica por silogismos de anatomia.

10 Argumento da autoridade, novamente

Os escolásticos, então, buscam sempre a opinião dos autores para resolver as questões da crise intelectual que estavam sofrendo. Há diversos problemas nisso. O primeiro é que, ao definirem Aristóteles e Tomás de Aquino como autoridades, fez-se vista grossa para muitas de suas teorias, sem permitir que elas entrem em revista e sejam atualizadas, melhoradas ou, na pior das hipóteses, descartadas. A ausência dessa revisão fez com que passassem para frente vários pensamentos que acreditaram ser verdadeiros quando, na verdade, sabidamente não eram. E, por não haver um exercício reflexivo e questionador, as outras gerações acabaram assimilando esses pensamentos e os passando adiante, meramente reproduzindo-os. Esse movimento acaba formando uma espécie de “bola de neve”, em que, com o passar do tempo, um conhecimento (falso) é passado pra frente sem que ninguém o imponha uma reflexão filosófica ou a mínima investigação. Na carta ao leitor, Sanches deixa claro que fará o possível para tomar suas próprias conclusões, ignorando qualquer opinião ou preconceito que, alguma vez, ele já teve (criado por ele mesmo ou implantado por teorias de outras pessoas). Quem faz a mesma coisa posteriormente é Descartes que, no começo das *Meditações* propõe ideias semelhantes¹⁶ às encontradas na carta ao leitor¹⁷ de *Quod Nihil Scitur*. Descartes diz que tomava muitas coisas falsas como verdadeiras na infância, da mesma forma que Sanches consumia todo o tipo de informação, indiferentemente. Então, Descartes, assim como Sanches, decidiu colocar tudo em dúvida, fazendo aquilo que mencionamos ser uma das peculiaridades do Ceticismo Moderno. A diferença é que

15 “Tomemos em primeiro lugar a premissa universal negativa A B. Se A não se aplica a nenhum B, também nenhum B se aplicará a nenhum A. Se B se aplicasse a algum A, por exemplo a C, não seria verdade que A não se predica de nenhum B, pois C é um B. Mas se A se aplica a todo B, B também se aplica a qualquer A, porque se B não se aplicasse a nenhum A, A também não se aplicaria a nenhum B; ora, tínhamos admitido que A se predica de todo B.” (Aristóteles, *APr.* 25^a10)

16 “Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências.” (Descartes, 2004, p. 93)

17 Ver notar 4.

Descartes parece ressaltar o fato de estar fazendo essa revisão por conta do privilégio de estar sossegado, sem precisar trabalhar e isolado, enquanto Sanches parece ter um certo grau de urgência, não podendo esperar um momento oportuno, pois estamos constantemente precisando agir.

11 Ciência é Hábito?

É um erro chamar a ciência de Disposições mentais, visto que ela não é uma qualidade, mas um ato mental simples. Nossos atos mentais são enviados à memória e, se fixados bem, são chamados de Disposições mentais, do contrário, somente de Disposições. Contudo, Disposições mentais e Disposições são partes da memória e não da ciência. Vale ressaltar a escolha na tradução: o termo usado por Sanches é “*Habitus*” que pode muito bem ser traduzido como “Hábito”, mas para o melhor entendimento do texto, decidimos usar diretamente a sua definição¹⁸.

12 Ciência é memória?

Sanches segue fazendo uma analogia com Aristóteles,¹⁹ que diz que os animais que possuem inteligência retêm o saber principalmente através da sensação. Dessa forma, as imagens são captadas pelos olhos, os sons pelos ouvidos e disso conclui-se que tudo está em tudo. Logo, a ciência está dentro de nós, não havendo necessidade de conhecermos o que está fora, pois já a temos conosco. Apesar de confusa, parece que essa concepção se refere a algo como a teoria da reminiscência, apresentada por Platão.²⁰ Para saber algo, é preciso que essa imagem esteja gravada em seu espírito. Então segue o raciocínio: não se pode saber nada que não esteja presente em nós; tudo está presente em nós; tudo sabemos. A primeira afirmação pode ser investigada e colocada em dúvida, mas a segunda é genuinamente falsa, afinal, onde estaria a prova de que tudo está em nós? A conclusão, por sua vez, é impossível. Há muitas coisas em nós que não conhecemos, então não podemos dizer que a ciência está em nós, pois não conhecemos nosso interior. Por conta disso, é viável concluir que não basta ter algo em nós para que possuamos o saber acerca disso. Nada do que Platão diz sobre reminiscência é comprovado nem pela razão nem pela experiência, então não passa de uma ficção que foi altamente criticada por Aristóteles.²¹ Afinal, se uma pessoa se esquece e precisa captar de novo, não é uma recordação, mas um aprendizado do zero. Por isso, a teoria da reminiscência não é válida, pois mesmo que a alma saiba de tudo, ela não nos fornece essa informação, cabendo a nós captar sozinhos sem a sua ajuda. Ciência não é recordar. Do contrário, como o próprio Sanches diz, ao captar algo novo, as crianças diriam “Agora lembrei, eu já sabia disso.” Mas não é esse o caso.

18 *Habitus* é uma disposição do espírito. Com “espírito” entende-se também “mente”, tendo a mesma interpretação

19 “Os animais são naturalmente dotados de sensação; mas em alguns da sensação não nasce a memória, ao passo que em outros nasce. Por isso estes últimos são mais inteligentes e mais aptos a aprender do que os que não têm capacidade de recordar.” (Aristóteles, *Metaph* 980a25)

20 “Sendo então a alma imortal e tendo nascido muitas vezes e tendo visto tanto as coisas <que estão> aqui quanto as <que estão> no Hades, enfim todas as coisas, não há o que não tenha aprendido; de modo que não é nada de admirar, tanto com respeito à virtude quanto ao demais, ser possível a ela rememorar aquelas coisas justamente que já antes conhecia.” (Platão, *Meno* 81e)

21 “Now, Aristotle has in many places refuted this error, but I shall not repeat his arguments, since anyone may read them in his works.” (Sanches, 1988, p. 193)

13 Ciência é conhecimento das causas? (passos 20-22; 27 e 28)

E se considerarmos que ciência é conhecer as quatro causas aristotélicas: eficiente, material, formal e final? Isso já seria um problema, pois numa peculiar visão fideísta se concluiria que Deus é a causa eficiente. Ora, essa informação nada nos diz a respeito de qualquer objeto analisado, visto que, neste caso, para entender qualquer coisa, precisaríamos entender sua causa, ou seja, Deus. Porém, não se conhece Deus em sua totalidade, não se sabe as causas de Deus (nem sequer se Ele de fato é causa incausada), não se sabe do que ele é composto. E mesmo que digamos que Ele é “tudo”, não conhecemos “tudo”. Desconhecendo Deus totalmente, não é possível conhecer nada.²² Porém, e se considerarmos que o mínimo conhecimento imperfeito das causas é o bastante para a ciência? Isso talvez seja uma contradição com o que Aristóteles diz²³, mas parece ser a única opção viável para desenvolver o pensamento. Contudo, mesmo ignorando essa contradição, o estudo das causas materiais e formais ainda é vão, visto que, para explicar x, recorreríamos a uma causa y; para explicar y, recorreríamos a uma causa z e assim infinitamente. Para explicarmos algo, buscaríamos sua causa e para entender sua causa, buscaríamos a causa da causa. Esse problema é parecido com o que ocorre na “questão nominal” anteriormente mencionada: para explicar algo, damos um nome, e para explicar esse nome damos outro nome. No fim, as definições aristotélicas sempre são muito mais obscuras que o objeto a ser definido.²⁴ Como vimos anteriormente, as definições não valem de nada, pois Aristóteles diz²⁵ que só há ciência por demonstração, não podendo haver uma ciência dos primeiros princípios, porque esses não podem ser demonstrados, logo não há ciência alguma. Desse modo, afirmações como “Ciência é conhecer as coisas pelas causas” e “Ciência é um hábito adquirido por demonstração” são falsas.

14 A ciência é composta de uma infinidade de partes?

Sanches diz que as coisas talvez sejam infinitas, enquanto aqueles que dizem ser finitas não buscam provar, visto que não são capazes de enumerar todas as coisas existentes. Aristóteles mostra que as definições não podem produzir saber acerca do todo, depositando confiança nas definições dos termos universais²⁶, ele discorda

22 “Perhaps you will have recourse to Almighty God, as both the first cause and the final end of all things, and will assert that there you must stop, and not proceed to infinity. More of this later; but I would now say: what follows from this? That you know nothing. In avoiding the infinite you fall into what is both infinite and measureless, incomprehensible, ineffable, and beyond the reach of the understanding. Can this Being be known? Certainly not. Yet, by your account, He is the cause of everything; and therefore, according to your definition, understanding of Him is necessary for the understanding of His works. Therefore, you know nothing.” (Sanches, 1988, p. 196)

23 Ver nota 3

24 “KNOWLEDGE IS PERFECT UNDERSTANDING OF A THING. There you have an easy, yet true, explanation of the term ‘knowledge’. If you ask me what are its genus and differentia, I will not provide you with these, for these two words are more obscure than the thing that is defined” (Sanches, 1988, p. 200)

25 “A primeira, que supõe não haver outro modo de conhecimento além da demonstração, acha que isso equivale a um retrocesso ao infinito considerando que não podemos conhecer os posteriores pelos anteriores, caso estes últimos não sejam também precedidos pelos primeiros princípios, aspecto em que estes autores têm razão, uma vez ser impossível percorrer séries infinitas; se, por outro lado - dizem - a série estancar e houver primeiros princípios, estes princípios serão incognoscíveis, pois não serão passíveis de demonstração, (de acordo com esses autores), a única forma de conhecimento. É posto que, deste modo, não podemos conhecer os primeiros princípios, as conclusões deduzidas também não podem ser um conhecimento em acepção simples e própria; pois assenta na mera suposição de que as premissas primeiras são verdadeiras.” (Aristóteles, *APo.* 72b5)

26 “Verificamos então que em todo o silogismo tem de haver predicação universal, e que o universal só se demonstra a partir de termos universais, enquanto o particular tanto se demonstra por este último

das séries infinitas dos termos intermediários²⁷ e tenta refutar a teoria de Anaxágoras acerca dos princípios serem infinitos em número.²⁸ Em todos esses casos, Aristóteles tenta refutar a ideia da existência do infinito sem apresentar nada novo em seu lugar, atitude que Sanches critica.²⁹ Caso o todo seja finito, nada sabemos, pois não enxergamos seu fim; caso seja infinito, nada sabemos, pois o fato de ser infinito impede o conhecimento de uma só parte (não há ciência acerca do infinito). Portanto, ao tentarmos estudar as formas, precisaríamos estudar todas as coisas. Se são finitas, como vimos, significa que não conhecemos todas as formas, pois não conhecemos todas as coisas e, não conhecendo todas as formas, não possuímos o conhecimento perfeito das causas. Porém, se as coisas são infinitas, é impossível conhecer as formas, visto que também serão infinitas.

Já acerca da matéria, o Escolástico dirá que pode haver apenas uma causa, mas sendo o todo infinito, também é igualmente válido afirmar que há infinitas causas.³⁰ Entretanto, considerando que o todo é finito, alguém é capaz de afirmar algo ao certo sobre a matéria dos objetos do plano sublunar, se é a mesma ou não dos objetos do plano celeste, como Aristóteles tentou? E o espírito, se existe, possui a mesma matéria que os outros objetos? Os acidentes possuem matéria? A matéria dos astros é a mesma que a matéria do céu? Mesmo se o todo fosse finito, não sabemos quais e quantos são seus princípios. Mesmo se os princípios fossem conhecidos, são instáveis, visto que o princípio do humano são os elementos; dos elementos constituem-se x matéria e x forma; dessas x matéria e x forma, constituem-se y matéria e y forma, e assim infinitamente.³¹

Por outro lado, caso o todo seja finito, ainda não saberemos de nada, pois não conhecemos todas as suas partes, nem ao menos quantas são, com o agravante de que, como precisamos conhecer essas partes para conhecer o todo, essa tarefa se torna impossível. Aristóteles diz³² que a ciência está na compreensão da primeira e

modo como pelo primeiro. Por conseguinte, se a conclusão for universal, os termos serão necessários universais, mas se os termos forem universais pode a conclusão não ser universal.” (Aristóteles, *APr.* 41b30)

27 “Se a série ascendente e a série descendente de predicados (...) terminam, é portanto impossível que haja, entre dois termos, um número infinito de termos médios.” (Aristóteles, *APo.* 82a20)

28 “Anaxágoras parece ter pensado em coisas ilimitadas desse modo por julgar verdadeira a opinião comum dos estudiosos da natureza, a de que nada provém do não-ente (...); além disso, pelo fato de que os contrários vêm a ser uns dos outros: como se eles já estivessem inerentes!! Com efeito, se, necessariamente, tudo que vem a ser provém ou de entes ou de não-entes, e se, dessas alternativas, provir de não-entes é impossível (...), julgaram que a alternativa restante imediatamente decorreria por necessidade, a saber: provir de entes já inerentes, mas imperceptíveis a nós devido à pequenez dos volumes.” (Aristóteles, *Pb.* 187a26)

29 “Therefore, on this point we already know nothing; for you have not seen the finite limit of all things, yet you say they are finite, whereas I have not seen their infinity, yet I conjecture that they are infinite. Can anything be more certain?” (Sanches, 1988, p. 204)

30 “But, you will say, even infinite numbers of things may share the same matter. This is indeed true, but it is also possible that their matter may not be the same, and so it may be of various kinds.” (Sanches, 1988, p. 204)

31 “Therefore, what the first principles are, and how many of them there are, is unknown, even should things be finite in number. And you will never come to an end of the first principles; but the first principles of Man are elements; of these elements the matter is such-and-such, the form again such-and-such; and of this matter and this form there are other elements, of more unitary structure. It is the same with ilon and ass and bear, and so on ad infinitum.” (Sanches, 1988, p. 205)

32 “Depois disso, é preciso observar que a matéria e a forma – os princípios últimos – não se geram. De fato, tudo o que muda é algo, muda por obra de algo e muda em algo. Aquilo pelo que ocorre a mudança é o motor próximo; o que muda é a matéria; aquilo a que tende a mudança é a forma. De fato, iríamos ao infinito se não só a esfera-de-bronze fosse gerada, mas também a esfera e o bronze. Portanto, é necessário que haja um termo no qual se deve parar.” (Aristóteles, *Metaph.* 1069b35)

mais universal de todas as causas, que deve ser eterna e imutável³³. Se considerarmos que Deus é o princípio de tudo³⁴, não mudará nada também, visto que não conhecemos Deus.

15 As partes da ciência (passos 23-26; 29-32)

Tomemos por hipótese que ciência é nada mais, nada menos que o conhecimento perfeito de um determinado assunto. É uma definição válida, pois a ciência deve ser simples, não valendo a pena buscar o gênero e a diferença nela, pois, como já vimos, esses conceitos só apresentam uma série de palavras mais obscuras que o próprio definido.³⁵ Mas o que seria esse conhecimento perfeito? Se Sanches explicasse com uma palavra, teria que dar o significado desta usando outra palavra; se fizesse isso, teria que dar o significado dessa outra palavra por meio de mais uma palavra e assim infinitamente. Tentar mostrar a essência de algo por meio das palavras torna a ciência obscura, duvidosa e infinita, sendo não só difícil como também impossível analisá-la, tal como qualquer silogismo ou definições obtidas pelas categorias, sendo apenas uma extensa lista de nomes e não a essência de fato. Ora, podemos então supor o que seja conhecimento perfeito do assunto, podendo ser: *rei comprehensionem*³⁶, *perspectionem*³⁷, *intellectionem*³⁸ ou qualquer sinônimo desses três termos³⁹. Isso mostraria que é muito fácil qualquer um definir qualquer coisa com base em seu conhecimento, mas quem possui a definição correta? Não é possível saber. Somos todos igualmente ignorantes. O que é ciência então? Não importa, pois supor não é conhecer. Logo, o que conhecemos sobre a ciência não passa de ficção. Afinal ciência, segundo o que vimos até agora, obtém-se por demonstração. Como vimos anteriormente, Aristóteles não conseguiu provar a efetividade das demonstrações, portanto, o que temos acerca delas são suposições tomadas como verdade apenas pela fé e não pela razão⁴⁰. Conclui-se que ciência não passa de uma suposição sem base. Supor é admitir que ignoramos.

Essa ficção chamada “ciência” começa a se fantasiar a partir do momento em que a dividimos em setores para estudá-la. Para sabermos que horas são, não podemos nos atentar só ao ponteiro dos minutos, devemos conhecer também o ponteiro das horas; para conhecer esse ponteiro e o porquê dele se mover tão pouco, é preciso conhecer o ponteiro dos minutos que se move 60 vezes antes das horas; para conhecer o ponteiro dos minutos, precisamos conhecer o ponteiro dos segundos, que se move 60 vezes antes dos minutos. Porém, caso tenhamos um

33 “O Princípio e o primeiro dos seres é imóvel tanto absolutamente como relativamente, e produz o movimento primeiro, eterno e único. E como é necessário que o que é movido seja movido por algo, e que o Movimento primeiro seja essencialmente imóvel, e que o movimento eterno seja produzido por um único ser;” (Aristóteles, *Metaph.* 1073^a20)

34 O que é uma interpretação válida, pois “De fato, é convicção comum a todos que Deus seja uma causa e um princípio, e, também, que Deus, exclusivamente ou em sumo grau, tenha esse tipo de ciência. Todas as outras ciências serão mais necessárias do que esta, mas nenhuma lhe será superior.” (Aristóteles, *Metaph* 983^a5)

35 Ver nota 24.

36 “Ter posse do conhecimento” ou “entendimento acerca do objeto analisado” ou até “compreender tal objeto”.

37 Uma observação atenta do início ao fim, similar à observação empírica.

38 “Entendimento”, similar a “*intelligo*”.

39 “*Dicerem rei comprehensionem, perspectionem, intellectionem, & si quid aliud est, quod idem significet.*” (Sanches, 1988, p. 111)

40 “Knowledge is acquired by demonstration; this in turn assumes a definition. Now, definitions cannot be proved, but have to be believed; therefore demonstration based on assumptions (*ex suppositis*) will produce knowledge of a suppositious kind, not sound and exact knowledge.” (Sanches, 1988, p. 201)

relógio não vulgar que analisa também as fases da lua, quando haverá eclipse e o percurso do Sol no zodíaco, novamente precisaremos conhecer outras partes para entender o todo. Caso haja uma bússola no relógio, precisaremos conhecer todos os conceitos por trás da bússola para a conhecermos, e para conhecer esses conceitos, outros conceitos. Enfim, não é possível conhecer o todo sem conhecer suas partes. Por conta disso, a divisão da ciência em setores é o primeiro passo para tornar o conhecimento científico fantasioso, pois haveria potencialmente cada vez mais setores.

Por todo o conhecimento científico estar ligado, vemos muitas vezes os autores repetindo ideias de outros para complementar sua obra. Quando um autor começa a se delongar muito em outros assuntos ao invés do que supostamente seria o foco do seu trabalho, ele diz “desenvolveremos mais sobre isso no livro x”. Ironicamente, para sabermos mais sobre esse assunto específico, Sanches nos pede para aguardar seu livro *Examen Rerum*, no qual isso seria mais desenvolvido⁴¹. Ou seja, só conheceremos o pensamento do autor se lermos cada livro; só conheceremos um objeto se conhecermos suas partes.

16 O todo da ciência (passos 33-35 e 39)

Já que não é possível compreender a ciência estudando apenas algumas partes, devemos estudar o todo, até porque, segundo os escolásticos, é impossível estudar os indivíduos pois eles são inúmeros⁴². Mas o que aprendemos com o estudo do todo? Existe um universal a ser estudado? Não. Já é de nosso conhecimento que Francisco Sanches foi um médico que tratava pessoas; não pessoas universais, pessoas em essência ou pessoas enquanto pessoas (completas e eternas). Ele tratava pessoas particulares. Cada indivíduo era diferente do outro e, portanto, a enfermidade ou a prevenção da enfermidade impactava um organismo de um jeito e impactava outro organismo de outro jeito. Fora que não havia só uma variável que causava alterações nos diversos organismos, e sim uma série de doenças e sintomas que causavam os mais diversos acidentes nos mais diversos organismos. Diante disso, de nada adiantava o estudo dos universais, pois não existe humano universal.

Mas o universal está presente no particular? Se sim, é válido o estudo dos universais. Contudo, consideramos que os humanos são animais racionais, porém, havendo ao menos um humano que não é racional, concluiríamos que o universal não abrange todos os indivíduos, então não seria válido para a definição de ciência que buscamos. Para provar que a compreensão do universal é vã, Sanches passa a citar diversas personalidades presentes em obras famosas e cada uma dessas personalidades era muito específica e difícil de ser comparada uma com a outra, o que as tornaria únicas⁴³. Dizer que todos podem se reduzir a um conceito universal

41 “Which clearly shows that, in order to understand any one thing, it is necessary to understand other things as well, since even for the production, preservation, or destruction of the one, a combination of all the others is indispensable, as I shall prove at greater length in the course of my Enquiry into Things.” (Sanches, 1988, p. 212)

42 “You have already observed the difficulty that resides in ‘species’. Now, as far as individual things are concerned, you admit that there is no science of these, since they are infinite in number.” (Sanches, 1988, p. 212-213)

43 “One human being is nothing but a thief; another, a murderer; one is born for nothing but Grammar; another is quite unsuited for the sciences; one is cruel and aggressive from his very cradle; one cannot by any amount of skill be kept away from wine, another from lust, another from gambling; another faints away at the sight or even the smell of a cat. One man has never tasted a piece of fruit, and cannot endure the sight of anyone else tasting one; so is another with meat, another with cheese, another with fish - everyone knows some people of all these different types. Another person can devour and

é limitar a ciência e mascarar a ignorância. Quantas culturas, costumes e etnias diferentes existem entre os humanos?

17 Ciência é percepção? (Passos 40-67)

A ciência não é tal como o Ser de Parmênides (imutável, não-gerado, incorruptível, indivisível e completo) pois não existe objeto analisável que cumpra essas especificações. “Prova” disso é o “Novo Mundo”. Os Europeus possuíam uma ideia muito clara de como era o Mundo e essa ideia parecia ser óbvia. Contudo, eles “descobriram” o continente Americano e, negando-se a afirmar que estavam errados quanto à definição de “Mundo”, inventaram o “Novo Mundo”. O termo usado por Sanches para denominar a descoberta do Novo Mundo é *“Inventus”*⁴⁴, que pode significar tanto descoberta, pelo fato dos Europeus não saberem previamente sobre o objeto analisado, mas também pode significar “invenção”, visto que foi inventado esse conceito de Novo Mundo, quando na verdade nunca foi novo, sempre foi um único mundo. O que Sanches quer dizer com esse exemplo? Que o que tomamos como verdade hoje, futuramente, com o avanço da tecnologia e modos de saber, pode se provar falso, e não admitir isso é um atraso para a ciência.

18 O quanto percebemos?

Nosso conhecimento é limitado às nossas percepções. O que não está ao alcance de nossas percepções é ainda menos sabido do que as coisas ao nosso redor. Por conta disso, não há critério de verdade para afirmarmos com segurança que conhecemos Deus, o fundo do mar, o espaço sideral, o passado e o futuro. Por exemplo, considerando que somos seres tridimensionais (possuímos altura, largura e comprimento), podemos então perceber outros seres tridimensionais, além de que podemos raciocinar acerca de objetos bidimensionais e monodimensionais. Todavia, é impossível compreender em nossa mente algo quadridimensional; no máximo, somos capazes de fantasiar o que seria isso ou fazer algumas teorias, tal como acontece conosco em relação a Deus. Dito isso, está claro que nossa capacidade de saber é igual às limitações de nossa percepção. Logo, os acidentes nos dizem muito mais do que categorias universais, e desconhecemos muito esses acidentes, provando nossa cabal ignorância.

19 O que se percebe não é imutável

Outro fator que dificulta nosso conhecimento através da percepção é a constante mudança que os objetos analisados sofrem. Segundo Limbrick na nota 116⁴⁵, Sanches pode ter percebido isso estudando Pirro através de Diógenes Laércio⁴⁶, em que é dito que algo que é não necessariamente continuará sendo, tal como algo que não-é pode também não vir a ser, continuando não-sendo. Sequer se sabe todos os modos de geração e corrupção, mas podemos deduzir que sejam muitos, e Sanches

digest indifferently coins, glass, feathers, bricks, wool at the scent, or the sight, of a rose.” (Sanches, 1988, p. 213-214)

44 “*Nunc quid dices? novus est inventus mundus, novae res, in nova Hispania, aut Indiis Occidentalibus, Orientalibusque*” (Sanches, 1988, p. 122)

45 “The question of coming into being is mentioned by Diogenes Laertius in his life of Pyrrho in the following terms: (...)” (Limbrick, 1988, p. 226)

46 “Os cétricos negam igualmente o vir a ser. Com efeito, o que é não vem a ser, porque já é; nem o que não é, pois não tem existência substancial, e o que não é substancial nem existente não pode tampouco ter possibilidade de vir a ser.” (D.L. IX,100)

descreve alguns para nos mostrar como a transformação dos seres faz com que o objeto de estudo que temos muda, sendo difícil, se não impossível, saber verdadeiramente sobre ele sem estarmos constantemente nos atualizando⁴⁷. Sanches aponta muitos exemplos sobre a variedade causada pelos acidentes e sobre como nossa ignorância é ainda maior que essa quantidade. Há diferenças sexuais e regionais; diferenças entre animais da mesma espécie; cruzamento entre espécies; variedade dentre os animais em si; variedade entre as plantas e muita diversidade entre os seres inanimados⁴⁸. A filosofia expõe mais problemas que soluções e quanto mais pensamos, mais duvidamos. Porém, algo de que não se pode haver dúvidas são as imagens captadas pelos sentidos: posso negar o que ouço, mas não posso negar o fato de eu ter ouvido algo. Contudo, deve-se frisar que o sentido por si só nos dá o conhecimento, mas nos dá percepções acerca do objeto analisado, não havendo provas de que o que eu percebo é de fato a essência do objeto. Apesar disso, apenas através dos sentidos há o cognoscível, o conhecimento em potência. Algo é cognoscível, mas, para isso, é preciso que haja um cognoscente para adquirir tal conhecimento, e Sanches dirá que esse cognoscente –é o humano⁴⁹. Fora o humano, mais pra frente, Sanches usará o Sol como cognoscente para exemplos, mas pensamos que o ser humano é o único cognoscente válido para o estudo dos objetos analisáveis. Porque nós, enquanto indivíduos, possuiríamos percepções estritamente particulares em relação a quaisquer outras percepções, pois não é possível provar que outros seres humanos percebem as coisas do mesmo modo, tampouco dá para provar que algo não-humano também percebe o mesmo.

20 Cognoscível, cognoscente e conhecimento

O sentido não julga nada, apenas recebe as informações e repassa para a mente (ou espírito) que irá trabalhar na apreensão dessas informações, gerando o conhecimento. Contudo, apesar de termos auxílio da mente, o objeto analisado sempre é percebido primeiramente pelos sentidos. Os escolásticos, porém, inventam objetos de estudos partindo da própria mente, analisando o pertencimento de A a B, ou a implicação material de P e T. Por fim, se a ciência é percepção, ela é formada por 3 pilares: o cognoscível, o cognoscente e o conhecimento⁵⁰. Só é possível alcançar esse conhecimento se apreendermos o cognoscível em nossa mente através do sensível. Então, pode-se concluir que o conhecimento perfeito, portanto o saber, é dado pela sensação? Não, pois a ciência deve ser compreendida sem o intermédio de outra coisa. Como podemos saber perfeitamente de algo? Poderíamos deduzir que a essência, que nos proporcionará o saber verdadeiro, está no estudo dos acidentes, mas isso não é válido, pois apesar de eles serem apreendidos pelos sentidos, há muitos fatores que obscurecem o entendimento dos acidentes, como o

47 “Besides these, one more reason for our ignorance remains, in the realm of things, namely the everlasting permanence of some of them and per contra the endless coming-to-be and passing-away, or endless change, of some others; so that you could give an account neither of the former class, since you do not live for ever, nor of the latter class, since they are never wholly the same, and moreover sometimes exist and sometimes do not. This is the reason why the debate about coming-to-be and passing-away is still unresolved;” (Sanches, 1988, p. 225-226)

48 Os exemplos se estendem do passo 44 ao passo 47. (Sanches, 1988, p. 225-231)

49 “The human being, who is the ‘cognitive’ subject, is one thing.” (Sanches, 1988, p. 241)

50 “Well then, the second point in the definition of knowledge was understanding (*cognitio*), in which three things can be observed: the object that is apprehended (*res cognita*); the apprehending subject, of whom I shall speak later; and apprehension itself, which is the action of the subject directed towards the object.” (Sanches, 1988, p. 239)

fato de nós não os apreendermos em si, mas apreendemos uma imagem deles⁵¹. A ciência, porém, deve ser claríssima.

21 Imprecisão nos sentidos

Por último e mais célebre: nossas percepções podem nos enganar. Podemos estar em um estado alterado de consciência, seja por enfermidade, uso de alucinógenos, medicamentos, álcool, paixões, cansaço. Enfim, há diversos fatores que contribuem para a distorção de nossos sentidos: a iluminação do local pode afetar a forma de enxergarmos o objeto; talvez o uso de perfumes, inseticidas ou qualquer artifício que altere o odor mude a forma de captarmos a imagem através do olfato; uma inflamação na garganta pode alterar a forma de sentirmos o gosto de algo; algo que está longe pode aparentar ser muito menor e algo que está perto pode aparentar ser muito maior; algo dentro da água, por conta da refração de luz, é percebido de forma distorcida; uma pluralidade de sons sincronizados podem aparentar ser apenas um som; a temperatura do ar e da água podem mudar nossa percepção do que é quente e frio; Sanches se delonga citando muitos fatores que nos fazem desacreditar dos nossos sentidos, tal como fizeram também alguns céticos antigos⁵².

22 Sobre o cognoscente (passos 68-77)

Sanches, visando desenvolver melhor a busca pela definição de ciência, analisa o cognoscente. Para que haja conhecimento perfeito, algo precisa ser conhecível e alguém precisa ser apto a conhecer. Esse alguém somos nós. Logo, supostamente, temos a capacidade de conhecer algo da mesma forma que, como analisado anteriormente, algo pode ser conhecido. Essa relação de poder ser algo é o “ser em potência”⁵³. Isso significa que alguns tem aptidão para fazer coisas que outros não podem. Para explicar melhor, Sanches usa o exemplo da cera⁵⁴ da mesma forma que Descartes o fará posteriormente⁵⁵, mas eis aqui um ainda mais simples: seres humanos são ciclistas em potência, ao contrário de pepinos do mar. Com base nisso e em exemplos cotidianos, podemos tomar por hipótese que, dentre os humanos, há uns que possuem mais potencial que outros. Nesse quesito, há alguns que possuem aptidão para a ciência enquanto outros não. O autor inclusive comenta que o

51 “Less than in the case of substance; for whereas one factor could be helpful, namely that ‘accidents’ are perceived by the senses, yet there are several disadvantageous factors: that they are virtually nothing; that not they themselves, but only their images, reach the mind; and lastly, that they very frequently deceive the senses.” (Sanches, 1988, p. 245)

52 “O critério não se encontra nem na razão nem nos sentidos, pois a razão e os sentidos frequentemente nos enganam: o remo imerso na água, a diversidade de matizes do pescoço da pomba visto ao sol são provas disso.” (Brochard, 2009, p. 139)

53 “Quanto ao facto de ser afetado se dar em virtude de alguma coisa comum, determinámos anteriormente que o entendimento é, de algum modo, em potência os objetos entendíveis, mas não é nenhum deles em ato antes de entender: é, em potência, como uma tabuinha em que ainda não existe nada escrito em ato.” (Aristóteles, *De Anima* 429b25)

54 “At the moment of birth he is but a lump of wax capable of assuming virtually any shape both in body and in soul, but particularly in soul. Thus though he is not unaptly compared to a tabula rasa on which nothing has yet been drawn, still it is not quite correct to maintain that anything and everything can be drawn on it.” (Sanches, 1988, p. 255)

55 “Consideremo-lo atentamente e, afastando todas as coisas que não pertencem à cera, vejamos o que resta. Certamente nada permanece senão algo de extenso, flexível e mutável. Ora, o que é isto: flexível e mutável? Não estou imaginando que esta cera, sendo redonda, é capaz de se tornar quadrada e de passar de quadrado a uma figura triangular? Certamente não, não é isso, posto que a concebo capaz de receber uma infinidade de modificações similares e eu não poderia, no entanto, percorrer essa infinidade com minha imaginação e, por conseguinte, essa concepção que tenho da cera não se realiza através da minha faculdade de imaginar.” (Descartes, 2004, p. 104)

cognoscente verdadeiro é aquele que pesquisa tendo unicamente a ciência como fim⁵⁶, visto que há muitas pessoas que precisam estudar por necessidade⁵⁷ (para conseguir um emprego e sustentar-se, por exemplo). Ora, como separamos então aqueles que têm o potencial de adquirir o conhecimento perfeito daqueles que não têm esse potencial? Bom, como estamos considerando apenas a apreensão do saber através dos sentidos, a qualidade do corpo determinará se a potência se tornará ato. Afinal, quanto mais perfeito o corpo, mais perfeita será a captação sensorial e, portanto, mais abrangente será a apreensão do cognoscível, concluindo que haverá mais chances de se alcançar o conhecimento perfeito. Até porque, ver silogismos sobre o Brasil não fará com que nós façamos uma descrição geográfica tão boa quanto alguém que esteve lá, pesquisou lá e apreendeu de modo empírico. Platão, inclusive, diz que o médico perfeito é aquele que já sofreu de todas as doenças e, tendo sentido na pele, sabe tratá-las melhor⁵⁸. Logo, está claro que é preciso ter um corpo perfeito, mas o que é tal corpo? Sanches analisa definições médicas⁵⁹ e conclui que o corpo perfeito muito provavelmente não existe, pois, como vimos nos passos anteriores acerca da imprecisão dos sentidos, há muitas afecções que mudam nossas percepções. Então, mesmo que haja um corpo perfeito, em um instante ele seria mudado pelo ambiente, doenças ou qualquer um dos exemplos que demos.

23 Não há cognoscente perfeito

Exemplos de perfeição geralmente estão nos âmbitos da fantasia ou da fé. Deus é um exemplo de algo perfeito, pois ele, sendo todo-poderoso, é capaz de criar coisas grandiosas como o Sol. E podemos também considerar o Sol como um corpo perfeito, visto que ele, assim como Deus, tem a capacidade de criar condições perfeitas para que se gere vida⁶⁰. Isso ocorre porque o Sol, sendo tão grandioso, é capaz de criar coisas incríveis, mas não tão grandiosas quanto ele próprio. O calor é a mais perfeita das qualidades e proporciona a temperatura ideal para o planeta. Por conta disso, Deus constantemente é representado como o Sol, como fogo, calor, luz e etc. Porém, podemos dizer que o Sol é imperfeito por poder causar corrupções? Não, pois nada se corrompe pelo Sol que não tenha sido antes gerado por ele⁶¹. Dado esse exemplo, concluímos lembrando o fato de que não sabemos o que ou se o Sol sente algo, tão pouco o que Deus sente, então não é válido colocá-los como cognoscentes, pois só podemos atestar os nossos próprios sentidos.

56 “A student ought to have no end in view but knowledge.” (Sanches, 1988, p. 265)

57 “Everyone is ready to embrace science for the sake of fame or rank or wealth; scarcely one man will do so for its own sake. Thus each man toils just hard enough to reach the goal - not of science, but of his personal ambition. But as for the needy persons, who flock to study in the greatest numbers, their début is depressing, they midcareer a struggle, their end far from creditable. For gloomy poverty is what drives them, and also hinders them: once is has a full belly, it puts an end to the poor man’s science. For they study only so long as to be able to escape from it.” (Sanches, 1988, p. 264-265)

58 “Os médicos atingiriam o cume da perícia, se, começando desde crianças a aprender a sua arte, tivessem contacto com o maior número possível de corpos, e dos piores, e se eles mesmo sofressem de todas as enfermidades e não gozassem, devido à sua compleição, de perfeita saúde. Efetivamente, julgo que o corpo não se trata por meio do corpo, pois não seria possível que eles fossem ou se tornassem doentes - mas o corpo por meio da alma, à qual, se já estiver ou ficar doente, não é possível tratar com êxito seja do que for.” (Platão, *Rep.*, III, 408d)

59 “Now, like Galen I describe s a ‘most perfect’ body one that is most evenly balanced in its elements and most beautiful.” (Sanches, 1988, p. 257)

60 “O sol, a lua e os outros astros são deuses, porque prevalece neles o calor, que é causa da vida.” (D.L. VIII, 27)

61 “Is the sun, the most perfect of all bodies, to intend and accomplish corruption? It generates, then. By what means? By means of heat, the most perfect and excellent and active of all qualities.” (Sanches, 1988, p. 261)

24 A influência do outro (passos 78-88)

E se mesmo assim considerarmos que há um ou mais humanos cujo corpo é perfeito e que convenientemente busca o saber unicamente com a finalidade no próprio saber? Nos passos anteriores vimos que essa hipótese é improvável, mas caso ela ocorresse, ainda procederia que nada se sabe. Primeiramente, esse humano perfeito precisaria de um mestre que o auxiliaria na tarefa do aprendizado⁶². Por conta disso, podemos concluir que, caso esse professor tenha um corpo imperfeito, ele terá percepções imperfeitas, apreensões imperfeitas e não ensinará nada além de falsidades⁶³.

25 O professor perfeito

Ora, consideremos então que por muita sorte o professor e o aluno são ambos perfeitos. Nesse caso, ainda assim haveria diversos fatores que influenciariam na dificuldade de aprendizado do aluno, sendo o principal motivo a negligência do ensino pelos motivos mais variados⁶⁴. Poderia ocorrer, por exemplo, que o professor, mesmo sendo perfeito e mesmo estando disposto a ensinar a verdade, use métodos que não sejam tão didáticos assim⁶⁵. Um aluno, mesmo interessado, pode perder o interesse em uma disciplina cujo professor, mesmo inteligentíssimo, não seja capaz de atingir o aluno de forma marcante. Exemplo de métodos que nos afastam da verdade são os próprios silogismos, pois o professor poderia, sim, ter o conhecimento perfeito, mas ele dificilmente conseguiria expressar esse conhecimento através de um método tão falho como o silogístico⁶⁶. E se, ainda mais conveniente, houvesse um professor que, sendo perfeito, não negligenciasse o ensino e possuísse um ótimo método, seria então certo que aprenderíamos perfeitamente? Não, pois mesmo dominando completamente o assunto, estamos fadados ao erro em algum momento. E mesmo o mais simples erro pode mudar todo o desenvolvimento de um pensamento, tal como apontamos acerca da tradução desse texto: se, ao invés de “saber geral” eu traduzisse “*scio*” como “ciência” em todas as frases, seria um erro muito pequeno, pelo fato de “*scio*” também denotar “ciência”,

62 “If, however, you should still maintain that both rich and poor alike possess everything necessary for knowledge, and that the will does not fail them, let us suppose this to be so: observe what difficulties then follow. Each of them, at the outset, needs to be instructed; for who is so well endowed that he can turn into a scholar all by himself? And what unhappy experiences people have while receiving instruction! How few students obtain good teachers!” (Sanches, 1988, p. 265)

63 “And if he should continually study under the same teacher (which can happen but rarely), then if he has erred once he will always be in error - nay, his error will steadily increase; for a small mistake at the outset becomes a large one in the end, and if one absurdity is conceded, a great many follows.” (Sanches, 1988, p. 268)

64 “This class of men, whether on account of the meagerness of their pay, or idleness, or poor health, or poverty (in coping with which they cannot find time for study), or ill-will, or fear, or arrogance, or the passion of love - or of hatred - or the incapacity of their pupils (if they have come to believe this of them), or (and this is worst of all, and very common) on account ignorance - this class of men, I repeat, for all or most of the above reasons either conceal the truth (if they ever did acquire it all) or teach falsehoods.” (Sanches, 1988, p. 265)

65 “Further, from this point of view the learner benefits greatly if the teacher uses a sound method, but suffers impediment and harm if the method is unsound.” (Sanches, 1988, p. 269)

66 “And indeed I remember that when, scarcely past boyhood, I was being initiated into dialectics, I was often challenged to debate by my seniors in age and in study, so that they might test my ability. From time to time they confronted me with fallacious syllogisms; and I, not seeing that they were fallacious, used sometimes to be crushed by their weight and admitted false - but not obviously false - propositions; but when obviously false conclusions followed from these, I suffered extreme torments in cases where I had not at once pointed to the logical defect, and I could not rest until I had discovered this.” (Sanches, 1988, p. 273)

mas prejudicaria a interpretação geral do texto de forma alarmante. Fora que, havendo mais de um humano cujo corpo é perfeito, pode ocorrer de ambos discordarem sobre algum assunto. Ora, se há desacordo entre autoridades da linguagem, da filosofia, da medicina e afins, qual o critério que nós, meros ignorantes, podemos tomar para encontrar a verdade no meio de tanta opinião?

26 O pensamento próprio (passos 89-100)

Para resolver esse problema, devemos parar de nos apoiar nos pensamentos alheios de outros autores. Seguir um professor, um autor, ou qualquer um, mesmo que esse indivíduo tenha o suposto corpo perfeito, capaz de ter as percepções mais precisas, ele ainda está fadado a errar. Há muitos que apenas repetem o que as autoridades dizem sem nem ao menos ouvir a própria mente; muitos que, ao invés de desenvolverem seus próprios pensamentos, falam sobre o pensamento dos outros. Ocorre com frequência de uma pessoa que tem vontade de estudar plantas buscar opiniões sobre plantas em outros autores, ao invés de ir ao quintal e estudar a planta em si; ao invés de ler um livro, procurar uma resenha do livro; ao invés de praticar uma atividade para tirar suas conclusões, se apoiar na opinião de outro (que muito provavelmente também nunca praticou tal atividade). Esse recurso à autoridade acaba se tornando uma bola de neve, pois é considerado mais douto aquele que melhor cita⁶⁷. Contudo, como já dito, deveríamos abandonar essa prática e exercer o pensamento filosófico, partindo de uma revisão dos nossos conceitos, pois assim, diria a verdade quem falar sobre o objeto analisado (e não sobre a interpretação da interpretação do objeto).

27 Só o pensamento próprio basta?

Como analisamos nos tópicos anteriores, o conhecimento dá-se pela apreensão sensível e pela análise pela mente. Os sentidos são inalienáveis, mas só mostram o que se dá externamente, nunca mostrando a essência do objeto analisado. Já a mente exerce um juízo sobre o que foi descoberto pelos sentidos e, não havendo essência nos sentidos, também não há essência para a mente encontrar através do juízo⁶⁸. Se não é possível encontrar a ciência nem pela experiência e nem pelo juízo, onde está a ciência? Ela existe? O comum é considerarmos que, como é preciso conhecer todas as partes para conhecer o todo, devemos captar todas as sensações existentes para que saibamos sobre a ciência, rememorando novamente a fala de Platão de que o médico perfeito é aquele que já sofreu de todas as doenças. Então, quanto mais experiente mais sábio, pois só tendo experiência, poderemos reconhecer o saber quando for encontrado⁶⁹. Partindo dessa conclusão, analisaremos seus problemas.

67 “They pass judgment on the controversies among these authorities - and this too they do badly. for, concentrating only on authorities who disagree, and borrowing help from other writers on this side or on that, as for example when they use evidence from Aristotle and others, drawing some conclusions from the doctrines of these authors and some from the doctrines of others, in this way they deliver judgment against X or Y, not by showing that the facts are thus or thus, but that ‘such is the opinion of Aristotle, such of X or Y; such is the inference to be drawn from this or that [untested] assumption?’” (Sanches, 1988, p. 276)

68 “Experience is in every instance deceitful and difficult. Even if it is possessed perfectly, it only reveals the external aspect of events. in no way does it reveal the natures of things. As for judgment, it is applied to what is found out by experience; and it, likewise, can in any case not only be applied solely to externals, but even this is done badly.” (Sanches, 1988, p. 278)

69 Sobre Xenófanes: “Quando Empédocles lhe disse que é impossível encontrar um homem sábio, sua resposta foi: ‘É natural, pois é necessário ser sábio para reconhecer um sábio.’” (D.L. IX, 20)

28 A experiência

Tomemos por hipótese que o mais velho é considerado mais sábio pela quantidade de experiência que ele possui. Se todos os estudantes seguissem os mesmos passos desse ancião, sempre chegariam ao mesmo ponto que ele, sem nunca avançar mais que aquilo, tendo que parar por conta da velhice. A utilidade da escrita se torna evidente quando alguém resume sua vida de experiências em um livro, e as outras pessoas, ao invés de também dedicarem sua vida a experiências, partem de onde esse ancião parou e acrescentam mais informação conforme sua própria experiência e passam esses escritos para uma nova geração, e assim sucessivamente⁷⁰. Porém, apesar de ser esperado que ficássemos mais sábios a cada geração, os livros não auxiliam na ciência, pois falham em dizer a verdade, por se basearem na opinião de seus antigos escritores⁷¹. Ou seja, caso o primeiro escritor cometa um erro, ao invés desse erro ser corrigido pelo próximo, ele será agregado ao livro, sem ser revisto. E a partir desse erro, seguir-se-á mais um livro e os próximos, e os próximos, tudo por medo de confrontar uma autoridade. Quando precisamos saber de algo, buscamos a opinião do outro ao invés de analisar a natureza; mas qual é a importância da experiência do outro se eu mesmo não experimentei? Acreditar cegamente no que foi dito pelos antigos é um ato de fé e não de ciência.

29 Mesmo em situações hipotéticas, não há ciência

Há tantos livros de teor científico que seria impossível ler todos para adquirir o conhecimento perfeito antes da morte. O jovem estudante correria contra o tempo para ler todas as experiências, experimentando-as por si mesmo e de toda essa pressa é razoável dizer que os resultados desse estudo seriam doenças e melancolias, além de antecipar uma morte prematura⁷². Uma pessoa assim não estaria isenta de inclinações, muito pelo contrário, estaria afetada por diversas, não possuindo um bom juízo. E mesmo que o estudante tenha um corpo perfeito e não sofra os males da vida de experiências, ele ainda não estará perto da verdade, pois há uma mudança contínua nele que é a idade. Todos os dias, mudamos de opinião. Porém, muitas vezes por medo da vergonha ou por orgulho, as pessoas se recusam a mostrar que mudaram e continuam a defender algo falso, atrasando ainda mais o andamento da ciência. Portanto, não é verídico que ficamos mais sábios conforme envelhecemos, até porque, não há critério para sabermos qual de nossas opiniões eram as mais corretas, se eram as opiniões que tínhamos quando jovens, adultos ou idosos⁷³.

70 “In order, therefore, to deal with this disadvantage - namely lack of experience - men have made the additional discovery of the art of writing, so that what one or another person has learnt by experience, through an entire lifetime and in different places, another may learn in a short time.” (Sanches, 1988, p. 281)

71 “They are confused, too short or too wordy, and so numerous that if one lived a hundred times a hundred thousand years one would not have years enough to read them all; and they have a way of being repeatedly untruthful, most commonly from vainglory or in order to prop up their reputations.” (Sanches, 1988, p. 282)

72 “When he has wasted his bodily strength by studying, he will have to battle with a host of diseases, or morbid conditions: cold in the head, catarrh, arthritis, weakness of the bowels, and hence bouts of indigestion, loss of appetite, diarrhea, and obstructions, especially those of the spleen; he who devotes himself to his studies suffers from every kind of ailment. In the end, he dies prematurely. Again, these things disturb the mind, affecting its principal seat, namely the brain, whether initially this happens of itself, or is transmitted from another. But even if we suppose our young man to be free from all these troubles, yet finally he will become melancholic, as everyday experience proves.” (Sanches, 1988, p. 283)

73 “For in him there is the same process of ceaseless change as there is in all other things. But chief among these, of course, is change of age, since there is a great difference between a youth and a man,

Nessa constante luta contra a Hidra de Lerna, ao mesmo tempo que estamos presos no labirinto do Minotauro, segue-se a jornada do filósofo na qual há uma equação inversamente proporcional: quanto mais ouvimos a opinião do outro, mais nos afastamos da verdade (logo, menos sabemos); quanto mais examinamos, mais duvidamos⁷⁴. Como o próprio Sanches nos diz no passo 96, se realmente soubéssemos, entenderíamos o porquê de o ímã atrair o ferro. Ao contrário, ocorre que não podemos negar que o ímã atrai o ferro (por conta dos nossos sentidos) mas só isso não é saber. Dizer que sabemos que isso é um mistério é apenas uma ignorância mascarada.⁷⁵

Mesmo se dispuséssemos de todas as conveniências anteriormente mencionadas sobre o cognoscente perfeito autodidata, o conhecimento perfeito presente no cognoscível, a ausência de doenças, a imutabilidade do corpo perfeito, o juízo perfeito imutável do cognoscente e uma vida eterna, ainda assim, sem sofrer nenhum distúrbio, estresse, paixões e velhice, essa pessoa fictícia nunca teria certeza se seu experimento foi bom ou se continuará sendo válido no futuro⁷⁶. Mesmo acerca das experiências, há discordância entre as autoridades⁷⁷, então em qual obra o jovem estudante deve se apoiar? Afinal, não basta ler todos os livros do mundo, também é preciso escolher os que trazem um conhecimento válido, considerando que esse mesmo conhecimento válido pode ser refutado em outros livros de outros autores que apresentam argumentos tão válidos quanto. Como então deveríamos buscar conhecimento nos livros? Será que os livros são um bom material de estudo? Caso abandonemos os livros e sábios, partindo para o conhecimento popular, encontraremos diversas vertentes de diversos pensamentos ainda mais variados e pouco prováveis que nos livros, dificultando ainda mais o aprendizado do conhecimento pleno.⁷⁸

A ciência deve englobar o conhecimento perfeito; esse deve estar presente em um objeto analisado cognoscível e será percebido por um cognoscente perfeito. Porém, após toda essa análise, seria muito dogmatismo afirmar que há perfeição na natureza⁷⁹, logo não há perfeição no cognoscível nem no cognoscente, logo, *quod nihil scitur*, nada se sabe, não há ciência.⁸⁰

and between the latter and an old man. and within each of these ages there is again a great difference between beginning, middle, and end. He who today, as a youth, makes a given judgment and believes it to be true, once he is fairly well on in his mature years, gives that judgment up and disapproves of it - and then, it may be, in his old age embraces it and defends it once more.” (Sanches, 1988, p. 283)

74 “And this I felt more and more from day to day; in the end it has come to a point when I can neither see that anything is scientifically known, nor even expect that anything can be so known, and the more I ponder the matter, the more I doubt.” (Sanches, 1988, p. 285)

75 “For what difference does it make whether one says ‘this results from a property hidden from my observation’ or ‘I do not know from what cause, or in what way, this happens?’” (Sanches, 1988, p. 286)

76 “But even if he were to observe a huge number of facts, yet even so he would not be able to observe all the facts, as anyone possessing true scientific knowledge must do. And it would be open to doubt whether he had fully adequate experience of them, huge though their number was.” (Sanches, 1988, p. 287)

77 “For if he should consult treatises on these same topics by other authorities, he will find that they have had totally divergent experimental finding.” (Sanches, 1988, p. 287)

78 “But if you appeal over the heads of authorities to popular opinions, you will find that their variety is astonishing. There is no agreement anywhere.” (Sanches, 1988, p. 287)

79 “Some of this I have said above: perfect cognitive understanding (*cognitio*) demands a perfect ‘cognising’ subject (*cognoscens*), and an object to be ‘cognised’, which is duly arranged - and these two things I have not anywhere beheld. If you have seen them, write to me. And not only this, but tell me if you have seen anything in Nature that is perfect.” (Sanches, 1988, p. 289)

80 O presente texto é resultado de pesquisa de iniciação científica (2021-2022), realizada sob auspícios do DFIL-UFRRJ e com apoio do CNPq.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. 2009. *Física I e II*. Tradução Lucas Angioni. Campinas: Editora Unicamp.
- _____. *Metafísica*. 2002. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. 2º edição. Tradução Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola.
- _____. 1986. *Organon III*, Analíticos Anteriores. 1º edição. Tradução Pinharanda Gomes. Lisboa, *Guimarães Editores*.
- _____. 1987. *Organon IV*, Analíticos Posteriores. 1º edição. Tradução Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores.
- _____. 2010. *Sobre a alma*. Tradução Ana Maria Lóio. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- BROCHARD, V. 2009 (1887). *Os cétricos gregos*. Edição Stylianos Tsirakis. Tradução Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus Editora Ltda.
- DESCARTES, René. 2004 (1641). *Meditações*. Coleção Os pensadores. Tradução Eliel Silveira Cunha. Edição Fernanda Cardoso. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, p. 93-150.
- DIÓGENES LAÉRCIO. 1987. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2ª edição. Tradução Mário da Gama Kury. Brasília: Fundação Universidade de Brasília.
- SANCHEZ, Francisco. *Tutte le opere filosofiche*. Edição de Claudio Buccolini e Ettore Lojacono. Milão: Bompiani, 2011.
- SÁNCHEZ, Francisco. *Que nada se sabe*. Com prólogo de Marcelino Menéndez e Pelayo. Buenos Aires: Emecé, 1944.
- PLATÃO. 2001. *A República*. 9ª edição. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____. 2001. *Mênon*. Tradução Maura Iglésias. Edição Irley Franco. São Paulo: Edições Loyola.
- POPKIN, Richard H. 2003. *The History of Scepticism: From Savonarola to Bayle*. New York: Oxford University Press, Inc.
- SANCHES, Francisco. 1991 (1581). *Que Nada se Sabe*. Edição Joaquim Chambino. Tradução Basílio de Vasconcelos. Lisboa: Coleção: Vega Universidade, seção: Filosofia.
- _____. ROCHA, Carol M (trad.). 2020. *A carta de Francisco Sanches a Jacó de Castro e a "Carta ao leitor" de Que nada se sabe*. Sképsis: Revista de Filosofia. Vol. XI, n. 21: 94-109..
- _____. 1988 (1581). *That Nothing is Know: Quod Nihil Scitur*. Edição Elaine Limbrick. Tradução Douglas S. F. Thompson. New York: Cambridge University Press.
- THOMPSON, Douglas S. F. 1998. *That Nothing is Know: Quod Nihil Scitur*. Edição Elaine Limbrick. New York: Cambridge University Press.
- TORRINHA, Francisco. 1942. *Dicionário Latino Português*. 2ª Edição. Porto.
- VASCONCELOS, Basílio de. *Que Nada se Sabe*. Edição Joaquim Chambino. Lisboa: Coleção: Vega Universidade, seção: Filosofia.